



CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE PARA A GEOGRAFIA

Theoretical-methodological contributions of Paul Vidal De La Blache to geography

Aportes teórico-metodológicos de Paul Vidal De La Blache a la geografía

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v25.890>

André Rodrigues Fabrício¹
Francisco Jean da Silva Araújo²
José Alves Mendes³

Histórico do Artigo:

Recebido em 09 de janeiro de 2023

Aceito em 14 de junho de 2023

Publicado em 25 de julho de 2023

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar uma visão prospectiva das contribuições teórico-metodológicas incutidas nas obras de Vidal de La Blache. Os procedimentos de investigação basearam-se na pesquisa bibliográfica realizada por meio de consultas em livros, artigos científicos e textos que versam sobre as contribuições de La Blache a partir de três dimensões: a contribuição para a construção de uma geografia humana; a contribuição para a ação política francesa, baseada em sua construção de geografia política; e, a contribuição para a Geografia Regional. Como resultado, constatou-se que a obra de La Blache foi o alicerce fundamental na construção teórico-metodológica da Geografia Humana. Contribuiu para a institucionalização da geografia política, sobretudo, na França. No âmbito da geografia regional, o conceito de região foi sendo reelaborado, construído e reconstruído ao longo do tempo.

Palavras-chave: Geografia humana. Aspectos teóricos metodológicos. Paul Vidal De La Blache.

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: andrefabricio@outlook.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4215-824X2>

² Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jhearaujoufpi@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6232-6626>

³ Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jose1988mendes@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5730-9805>

ABSTRACT

The aim of this article is to present a prospective view of the theoretical-methodological contributions instilled in the works of Vidal de La Blache. The investigation procedures were based on bibliographical research carried out through consultations in books, scientific articles and texts that deal with Vidal's contributions from three dimensions: the contribution to the construction of a human geography; the contribution to French political action, based on its construction of political geography; and, the contribution to Regional Geography. As a result, it was found that Vidal's work was the fundamental foundation in the theoretical-methodological construction of Human Geography. He contributed to the institutionalization of political geography, especially in France. In the regional geography scope, the concept of region was being re-elaborated, constructed and reconstructed over time.

Keywords: human geography. Theoretical-methodological aspects. Paul Vidal de La Blache.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar una visión prospectiva de los aportes teórico-metodológicos inculcados en la obra de Vidal de La Blache. Los procedimientos de investigación se basaron en la búsqueda bibliográfica realizada a través de consultas en libros, artículos científicos y textos que abordan las aportaciones de Vidal desde tres dimensiones: la contribución a la construcción de una geografía humana; la contribución a la acción política francesa, basada en su construcción de la geografía política; y la contribución a la Geografía Regional. Como resultado, se encontró que el trabajo de Vidal fue el fundamento fundamental en la construcción teórico-metodológica de la Geografía Humana. Contribuyó a la institucionalización de la geografía política, especialmente en Francia. En el ámbito de la geografía, el concepto de región se reelabora, construye y reconstruye a lo largo del tiempo.

Palabras llave: Geografía humana. Aspectos teórico-metodológicos. Paul Vidal de La Blache.

INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas que conhecer a história do pensamento geográfico é de fundamental importância para todos os geógrafos, até mesmo para melhor se apropriar dos conhecimentos dessa ciência, e conseqüentemente, melhor manejá-los. Para tanto, requer do pesquisador se deter na leitura e análise crítica dos clássicos, deixando de lado as rasas interpretações e predisposições atentando-se à pesquisa profunda.

“Fundador da geografia humana” é o título concedido a Paul Vidal de La Blache (1845-1918), após a análise de sua obra pelos críticos da contemporaneidade. “Clássico” é o adjetivo mais comumente concedido por aqueles que conseguem visualizar de maneira mais próxima a importância de sua obra para o conhecimento da geografia. Contudo, tais afirmações sobre esse autor francês bastante estudado e criticado, podem ser vistas como procedentes, porém insuficientes para abranger a integralidade da contribuição teórico-metodológica trazida por ele para a Geografia.

Apesar de complexa, essa disposição vem reconhecer o posicionamento de destaque desse autor em meio a um primado do desenvolvimento da geografia como ciência na modernidade.

No final do século XIX, a geografia se configura como disciplina acadêmica sob forte influência do positivismo clássico, como também, é marcada pelas transformações sociais. O modo de produção capitalista ganha cada vez mais força no contexto global, sobretudo nos países centrais,

permitindo uma renovação no campo do conhecimento geográfico, como também mudanças no âmbito ideológico e político.

Trata-se de um momento de destaque da geografia alemã com suas obras baseadas no determinismo ambiental com fortes inspirações nas ideias do evolucionismo de Darwin. Ressalta-se, além disso, ser um contexto marcado pela expansão do capitalismo e expansionismo territorial.

Através de uma construção teórica de contraposição relativa, o geógrafo francês Paul Vidal de La Blache apresenta um embate teórico ao que hodiernamente é denominado de *determinismo ambiental alemão*, cujo maior representante foi o geógrafo Friedrich Ratzel, no que diz respeito a influência do meio natural sobre o homem. Enquanto as concepções deterministas afirmavam que as condições espaciais determinavam o comportamento do homem e interferiam na sua capacidade de progredir, para La Blache a relação homem/natureza é fornecedora de possibilidades, já que o homem possui a capacidade de modificar a natureza e ao mesmo tempo ser modificado por ela causando seu próprio progresso, constituindo-se em uma relação tanto ativa quanto passiva.

No que toca ao cenário político, o contíguo temporal vivido por La Blache é marcado pelo imperialismo francês, momento caracterizado como revolucionário, que resultou em grandes transformações sociais. A ideologia de La Blache estava presente em sua obra, que (in)diretamente fazia crítica ao expansionismo alemão, mas ao mesmo tempo, concedia guarida aos interesses de dominação do iluminismo francês.

Neste período, marcado pelo domínio das ideias positivistas, Paul Vidal de La Blache constrói-se aos poucos, obra a obra, como um opositor ao positivismo, ainda que no início tenha se apropriado de expressões racionalistas provenientes de outras áreas do pensamento, em sua obra as características historicistas são marcantes (GOMES, 1996), e termina por garantir seu maior reconhecimento ao elevar a geografia francesa à uma nova dimensão, conferida por meio de uma abordagem complexa dos seus estudos regionais.

Apresentando-se com um pensador da geografia que trouxe uma contribuição chave ao desenvolvimento dessa ciência, possibilitando novas perspectivas, o pensamento vidaliano torna-se motivo de uma contínua investigação de suas contribuições para as construções das ideias geográficas da atualidade, o que justifica a presente revisão bibliográfica neste trabalho apresentada que possui como objetivo maior apresentar uma visão prospectiva das contribuições teórico-metodológicas incutidas em sua obra e que por muito tempo deixaram de ser percebidas.

Para tal fim, será utilizada a técnica de pesquisa de revisão bibliográfica e será realizada metodologicamente a separação das contribuições trazidas por La Blache em três esferas de análise

distintas, porém complementares e intimamente relacionadas, a saber: (a) a contribuição para a construção de uma *geografia humana*; (b) a contribuição para a ação política francesa, baseada em sua construção de geografia política; e, (c) a contribuição para a Geografia Regional

As referidas análises serão delineadas conforme relacionadas acima em três seções sequenciadas seguidas de uma análise conclusiva sobre o objetivo proposto.

PARA ALÉM DA MODERNIDADE CIENTÍFICA NA GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE E A GEOGRAFIA HUMANA

Tendo a compreensão de ciência como atividades racionais sistematizadas e institucionalizadas (GOMES, 1996) nas quais são utilizadas regras e técnicas, o método, para a produção do conhecimento (OLIVA, 2003), esta, assentada em sua racionalidade, se torna o fundamento da essência e existência humana moderna, além de única via de acesso ao progresso humano (GOMES, 1996).

Assim sendo, a busca por legitimação e conferência de limites através da racionalidade do conhecimento (GOMES, 1996) faz com que, superando a ideia de conhecimento como “crença social legitimada” (OLIVA, 2003, p.11), encontre-se uma necessidade de reconhecimento e/ou elaboração dos acostamentos justificadores e das normas fundadoras do projeto metodológico dos campos científicos recém-inaugurados pelo pensamento iluminado da modernidade.

É assim que a geografia, um conhecimento técnico voltado desde a Antiguidade para a “descrição e pela criação de uma imagem de mundo” (GOMES, 1996, p. 28), é alçada a ciência moderna, desconectando-se da história, e possibilitando a sua participação no processo de acumulação do conhecimento proporcionado pela ciência, através do movimento permanente de superação do tradicional pelo novo, um movimento de progressão e evolução da racionalidade (GOMES, 1996).

A geografia, então, passa a ser ciência através da definição do seu objeto, ou seja, era necessário conferir um significado à pergunta sobre o que era a geografia, afinal, o conhecimento, baseado na racionalidade científica, só pode existir se houver um objeto comum a ser compreendido e a geografia o tinha: “a superfície da terra e os fenômenos que aí se produzem” (GOMES, 1996, p. 208).

Junto ao seu objeto, surgem também as regras de compreensão desse objeto, que hoje podemos reconhecer como princípios metodológicos básicos da construção do saber geográfico, princípios estes que evoluíram de acordo com o progresso da própria ciência geográfica.

Assim, ao se fundar a ciência geográfica, a racionalidade nela presente, em oposição à abstração subjetiva filosófica, transforma a materialidade espacial em objetos de racionalização lógica

através da sistematização descritiva do observável e de uma busca por generalizações que explicavam o mundo. Buscava-se garantir a possibilidade de previsão de comportamentos e movimentos dos fenômenos e fatos pelas respostas lógicas obtidas a partir desse procedimento metodológico racional (GOMES, 1996).

Na geografia, essa racionalização compreendida como tradicional, tem como seus primeiros ou mais tradicionais expoentes em Humboldt e Ritter, que sistematizaram as explicações do espaço através de uma descrição metódica (GOMES, 1996), que trabalhada de forma magistral, apresentava relação de causa e consequência dos fenômenos presentes na natureza física que implicavam em impulsão às atividades naturais e do homem (LA BLACHE, 1896).

Nesse momento, se apresentam dois teóricos que na pretensão de romper com o tradicional e introduzir o moderno, vem, em momento da ruptura da unicidade da ciência geográfica, propor uma compartimentalização dela mesma, fazendo surgir uma geografia humana; é o momento das teorizações de Ratzel e La Blache.

Friederich Ratzel, seguindo a corrente ideológica racional positivista, utiliza-se das descrições e generalização dos fatos e fenômenos para elevar a luz da modernidade a teoria do determinismo geográfico no qual a natureza predetermina a atividade do homem, estabelecendo a ideia normativa do território, e fundamentando o conceito de espaço vital que relacionava as coletividades humanas ao local geograficamente determinado que ocupavam.

Distintamente, Paul Vital de La Blache, desenvolve um pensamento que se torna contracorrente à racionalização descritiva e determinista, com uma proposta à época inovadora e que rompia, até certo ponto, com as concepções tradicionais existentes. Ele propunha que, reconhecendo o aspecto influenciador do ambiente, era a influência humana sobre o meio, através da sua capacidade de adaptação, que demonstrava a melhor forma de conhecimento da geografia, o que foi mais tarde tratado como corrente de pensamento nomeada de possibilismo e a base da caracterização da *geografia humana*.

Contudo, podemos afirmar que não foi apenas pela fundamentação dessa corrente, que o referido autor deixou uma importante contribuição teórico-metodológica. A Contribuição maior de La Blache, inclusive em tempos de ruptura de certezas científicas, e principalmente de questionamento do método, como é o momento atual da ciência, foi o de apresentar de maneira distinta, como, de modo complementar, reunir as variadas influências tradicionais e modernas presentes em seu tempo, para proceder com a construção do melhor método para sua produção científica (GOMES, 1996).

A METODOLOGIA DE VIDAL DE LA BLACHE EM SUA FORMA DE FAZER GEOGRAFIA

Assim, pode-se dizer que Vidal de La Blache, não se tornou um autor clássico da geografia moderna por ser um autor tradicional, positivista, que possuía em sua descrição fundamentada na observação ativa e na sua generalização através de raciocínio lógico-formal, através de cadeias causais, mas justamente por conseguir utilizando-se, inclusive, dessa metodologia, apresentar a maneira de ser dos fatos, ir além e possibilitar as devidas explicações (GOMES, 1996).

Para La Blache a descrição por si só não tinha um caráter científico, por isso se preocupava com a questão do método, das categorias de análises, das noções etc. Para o autor Gomes (1996, p.198)

Vidal não se restringiu a descrever realidades, ele também criou categorias, noções gerais interligadas que constituem a própria base de seu discurso teórico. A análise destas categorias e de seu papel pode, pois, revelar certos aspectos negligenciados da epistemologia vidaliana”

Indiscutivelmente, os estudos descritivos de De la Blache foram de suma importância para o reconhecimento de sua importância científica, por levar em seu âmago a cientificidade da geografia. Os elementos de descrição e explicação eram essenciais e complementares na visão de Vidal. Havia uma forma específica de descrever que explicava: a descrição científica.

Na abordagem historicista vidaliana era fundamental realizar análises em busca do resgate do passado para entender o presente, implicando no uso de uma metodologia mais aprofundada (mais sistematizada), na qual, além de comprovar a cientificidade da geografia, trouxe a reboque um conjunto teórico-metodológico capaz de impulsionar discussões no campo da epistemologia.

O método vidaliano é caracterizado por três proposições: observação (descrição), comparação e conclusão. Assim, a tradição das narrativas de viagens e das descrições regionais se encontrava incorporada em sua construção científica. A premissa fundamental residia na necessidade de começar pela observação direta. Como Vidal recusava todo sistema apriorista, essa observação devia se produzir pelo contato direto com a realidade estudada, o pesquisador interrogando diretamente seu objeto. O olhar deve se fazer “erudito” para perceber estas ligações, pois, aos olhos do profano, as coisas estão sempre em dispersão. (GOMES, p. 208)

A observação, como ponto de partida, é o primeiro contato do pesquisador com o objeto de pesquisa, como também, o ponto de aproximação entre os dois. O olhar tem como objetivo fazer as conexões dos fatos e perceber os elementos ali presentes que são importantes para as manifestações fenomenais de um determinado espaço/tempo.

Partindo da observação e seguido por uma aprofundada descrição, o autor alcançava, apesar da incompreensão que até pouco tempo atrás se demonstrava sobre seus textos, para realizar conexões, não apenas locais e em razão de comparações diretas, mas estabelecendo estruturas

relacionais e conectadas, mas não necessariamente equivalentes (GOMES, 1996), encarando a geografia como o ramo científico que por seu mister era capaz de compreender os fenômenos de modo integrativo.

A descrição “seletiva” dos aspectos mais importantes e de seus movimentos continha já os germes da explicação. Vidal não propõe um modelo descritivo fixado de uma vez por todas. “A descrição geográfica deve ser flexível e variada como seu próprio objeto (GOMES, 1996, p. 209).

Esse modelo de trabalho científico, a sua forma de utilizar as regras e técnicas próprias da ciência geográfica, na ordem e nos limites que propunha, utilizando como condições geográficas, “posição, aspectos físicos e extensão” (RIBEIRO, 2012, p.29) somadas a uma conexão, correlação, ou melhor, uma analogia, que pondo lado a lado exemplos sociológicos, culturais, geográficos e históricos distintos (RIBEIRO, 2012), lhe conferiam a clareza da visão prospectiva, uma certa clarividência.

ALGUNS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS RELACIONAIS DA CONSTRUÇÃO VIDALIANA

A visão prospectiva permitia ver além do espaço particularizado, locacional, daquilo que poderia ser descrito através das paisagens regionais. La Blache traz em sua obra um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento da geografia da atualidade, que é a ideia de a Terra ser uma, e apesar de heterogênea e diversa, manter entre toda sua superfície uma conexão, aquilo que poderá ser visto como totalidade (RIBEIRO, (2012).

De fato, é nessa ligação que consiste na explicação geográfica de uma região [contrée]. Vistos isoladamente, os tragos que formam a fisionomia de um *pays* têm valor de um fato; contudo, só adquirem valor de noção científica quando reposicionados no encadeamento do qual fazem parte. Apenas esse encadeamento é capaz de conferir-lhes significado pleno. Para torna-lo visível, é preciso esforçar-se por reconstituir, até o ponto que o estado geral dos conhecimentos permitir, todos os anéis da cadeia. Essa não é uma preocupação supérflua; ao contrário, é condição indispensável para a clareza buscar, na geologia e no clima, as chaves do relevo e da hidrografia, bem como nas condições físicas as razões da distribuição dos habitantes e da posição das cidades. Não se negligência impunemente os níveis intermediários, que permitem recuperar a série de causas e efeitos (LA BLACHE apud HAESBAERT, 2012, p.43).

Ao afirmar essa necessidade de metodologia totalitária, Vidal de La Blache ainda traz outra contribuição, a de que o trabalho geográfico é realizado de forma multiescalar, articulando as escalas de análise (RIBEIRO, 2012), partindo sempre de uma noção generalizante, mas esmiuçando a análise e o conteúdo no lugar, para que se possa realizar a correlação com os aspectos totais (RIBEIRO, 2012).

Para além a totalidade, e em razão dela, a obra de La Blache traz outra concepção muitíssimo importante e que ficou ligada também apenas aqueles que fizeram a leitura não apenas regionalizada de sua obra, a questão da análise do elemento *tempo* em seus textos.

Dá-se a oportunidade de raciocinar conjuntamente esse elemento a partir do seguinte trecho:

Que um período singular de invenções mecânicas tenha estimulado um aumento sem precedentes de população, é um facto capaz de lançar alguma luz sobre o género de causas que têm a preponderância na evolução do povoamento humano. Esse período corresponde ao despertar de iniciativas, e a uma maior soma de energia e de inteligência aplicadas à exploração dos recursos naturais. à criação de novas riquezas reclama e chama em seu auxílio um maior número de forças humanas daí resulta um acréscimo. Mas a vaga, ao espriar-se, aplanar-se; acontece, cedo ou tarde, que essa criação gera também novas necessidades, introduz hábitos" que, pouco a pouco, produzem por sua vez os seus efeitos na marcha do povoamento. Repercussões diversas, mesmo em sentido contrário, podem surgir conforme os tempos e os lugares. O progresso traz em si mesmo os seus corretivos (LA BLACHE, 1954, p.120).

Ao decodificarmos o presente texto, o tempo pode ser visto como um tempo sucessivo que caminha lentamente, com estabilidade e evolução, em marcha direcionada ao progresso. Contudo, ao se analisar globalmente as análises feitas por ele, de agrupamentos distintos e mantendo-se a sua metodologia totalitária e conectiva, acaba por minimamente estabelecer as bases para o pensamento das coexistências temporais.

A medida desse fenômeno temporal de análise, pode ainda ser investigado ao tratar dos objetos criados pelo homem para sua adaptação ao meio no qual é parte ativa. De maneira não destacada, mas definitivamente bem afirmada, denota a relação mediadora de tais elementos criados em regime de sucessões tecnológicas, do homem com o meio (SANTOS, 2006). São as bases da noção dos elementos técnicos:

Com o auxílio de materiais e de elementos tirados do meio ambiente conseguiu, não de uma só vez, mas por uma transmissão hereditária de processos e de invenções, constituir qualquer coisa de metódico que lhe assegura a existência e organiza um meio para seu uso (LA BLACHE, 1954, p. 162).

Todavia, para que essa concepção totalitária, temporal e dos elementos técnicos possam ser percebidos é necessário operacionalizá-los através dos conceitos mais elementares da obra do autor.

ALGUMAS IDEIAS PRESENTES NA OBRA DE VIDAL DE LA BLACHE

Na obra de Vidal de La Blache, com base em Gomes (1996), é recorrente aparecer quatro ideias principais: organismo, meio, ação humana e gênero de vida. Vale salientar que os termos ideia e noção, na visão de Gomes (1996), são termos equivalentes, referindo-se a organismo, meio, ação

humana e gênero de vida. A ideia de organismo era muito comum no século XIX, discutida na geografia por Ratzel e Elisée Reclus, entre outros autores Gomes (1996).

A noção de organismo, na obra de La Blache, estava muito atrelada à paisagem, à cidade, à região, as nações etc. Os fenômenos e processos não eram relevantes mesmo que o organismo fosse fruto da transformação antrópica. O organismo é como sua própria causa final, sua função de ser, segundo Gomes (1996). Portanto, esta ideia de organismo não considerava a dinamicidade do espaço e das relações sociais. Mas vale salientar que a ideia de organismo foi reestruturada ainda na obra do La Blache, assim como, o conceito de região passou por um processo evolutivo.

A ideia de meio na visão de La Blache estava muito vinculada a totalidade por reunir diversos elementos em conexão, como se eles fossem causa e efeito um dos outros. Desta forma, o meio é visto como uma manifestação real e concreta, no que poderia resultar em um objeto de curiosidade de caráter científico de acordo com Gomes (1996). O aspecto visível do meio (a fisionomia) seria de suma importância para o estudo da singularidade de cada combinação. Daí a importância da observação na análise do meio.

Nesta perspectiva de La Blache, o estudo do meio é visto como o ponto de partida para a pesquisa geográfica, já que na primeira etapa da observação o meio é analisado mediante seus elementos, funções e limites, objetivando com isso, entender o todo. Este meio está sujeito a ser transformado pela ação antrópica, por isso, que desta forma a ação humana exerce papel fundamental na organização do meio. Isso porque, o homem tem a maior capacidade de transformar o meio. O meio é compreendido na obra de La Blache segundo Gomes como “manifestação da ação humana sobre o conjunto das possibilidades propostas pela natureza, toda a explicabilidade está contida na descrição das condições necessárias à sua aparição” (GOMES, 1996, p. 204).

A ação humana é vista como a interação homem e meio, onde o primeiro é considerado o “mestre” da natureza pela sua maior capacidade de transformar o meio. Mas essa transformação vai depender da herança cultural e instrumental do homem. É daí que surge a discussão entorno da cultura e natureza.

Na luta pela sobrevivência o homem tem a necessidade de exercer um certo controle da natureza por meio da cultura. A cultura tornou-se uma arma poderosa para ajudar o homem a vencer qualquer obstáculo que a natureza impõe. Com isso, o homem consegue lidar com as intempéries climáticas por ter uma certa hegemonia diante da natureza. O homem é o ponto central desta discussão por ter o controle de diversos gêneros de vida.

A noção de gêneros de vida é vista, de modo geral, como combinações técnicas, isto é, o homem tira da natureza os elementos que ele necessita, criando o seu próprio meio e o conjunto desses procedimentos são repassados para as demais gerações. Desta forma, a cultura exerce um papel fundamental para que o homem tenha grandes possibilidades de transformar o meio. Ainda sobre gêneros de vida:

Se definem como a forma específica que cada grupo desenvolve, sua maneira de ser e viver. Eles compõem um conjunto particular de atitudes que tira sua significação do interior do próprio grupo, seja pela maneira de se vestir, de falar, de habitar, em suma, por sua maneira de ser. Ao mesmo tempo, os gêneros de vida revelam os meios desenvolvidos por uma coletividade para sua sobrevivência, superando, diversos níveis, o desafio da natureza em um meio concreto e imediato (GOMES, 1996, p.205).

Desta forma, pode-se dizer que os gêneros de vida da atualidade são fruto dos gêneros anteriores, já que eles são repassados culturalmente, mas também podem ser aperfeiçoados de acordo com o nível cultural de um determinado grupo. Neste sentido, percebe-se a importância dessas ideias vidalianas para a evolução teórico-conceitual da ciência geográfica.

A ação transformadora do homem relacionando-se com os gêneros de vida (que o próprio homem cria) resulta na essência do objeto da geografia, já que implica na relação homem e natureza. Esta discussão acerca da transformação da natureza por meio do emprego da técnica (ação antrópica) e da cultura é uma porta de entrada para a definição do objeto de estudo da geografia: o espaço geográfico.

Assim, de forma pioneira, Vidal de La Blache ainda no período de estabelecimento da ciência geográfica em meio a modernidade, não só funda a geografia humana, ele já confere as bases dos estudos da geografia nova, somente surgida anos mais tarde podendo ser visto como, um autor visionário e clássico, mas nem por isso deixou de ser mal interpretado.

VIDAL DE LA BLACHE E A GEOGRAFIA POLÍTICA

Essa visão sobre a má interpretação da obra de Paul Vidal de La Blache (1845-1918) baseia-se na perspectiva apresentada por Pereira (2012), para quem, apenas recentemente o autor estaria passando por um processo de “reabilitação” na geografia, tendo em vista visões equivocadas acerca da sua teoria, sobretudo nos manuais de história do pensamento geográfico.

Vidal de La Blache desenvolveu seus estudos, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, ele viveu num período de intensas mudanças na França, especialmente a derrota em 1870 para a Alemanha, fato que, resultou no tratado de Frankfurt em 1871, onde a Alsácia e parte de Lorena

foram anexadas à Alemanha. Além disso, a guerra Franco Prussiana e a Comuna de Paris trouxeram alterações políticas significativas. E ainda “[...] num contexto de redefinições do papel das principais potências no cenário global” Pereira (2012, p.39), portanto, foi nesse cenário que Vidal De La Blache, considerado pai da geografia humana, também contribuiu para os estudos da geografia política, ao considerar ambas como equivalentes, Pereira (2012).

Historiador de formação, La Blache empenhou-se nos estudos de geografia, sendo possível inferir, apesar da cautela necessária na afirmação, que uma das áreas de concentração de estudo na obra vidaliana é a questão da geografia política. Tal informação parecer proceder, pois segundo Pereira (2012, p. 341) “[...] toda a obra de La Blache está imbuída de uma visão política a serviço do colonialismo francês.” Deixando claro a ideia de geografia política “como reflexão acadêmica sobre as ações estratégicas e de controle do território desenvolvidas por Estados em níveis Nacional, continental ou, quando europeus, com relação a domínios de ultramar (PEREIRA, 2012, p.338).

Essa perspectiva ultramar, está, de alguma forma envolvida desde o início no processo de institucionalização da geografia como ciência, especialmente considerando o contexto colonial da modernidade. Por isso, os vários escritos de La Blache em relação a geografia política, sobretudo na influência da França no cenário mundial estão relacionados à questão da dominação colonial ou a formação dos Estados europeus (PEREIRA, 2012).

Parece, portanto, de uma incompletude analítica apreciar a obra conduzida por La Blache sem perceber a sua inclinação política, como destaca Paul Claval criticando aqueles que veem em Vidal apenas à abordagem regional. “Eles ignoraram o profundo engajamento político de um homem que amava seu país, apoiava sua expansão colonial e queria contribuir para seu esplendor” (CLAVAL, 2012 apud HAESBAERT et al. 2012, p.9).

Evidentemente, não podemos e nem devemos explicar o pensamento político de Vidal através do nosso tempo, pois, além de sermos desonestos seríamos imprudentes. Porém, sabe-se que ele foi influenciado e também influenciou o sistema colonial de sua época. Segundo Santos, “La Blache às vezes deu a impressão de apreciar a obra colonizadora” (SANTOS, 2008, p.32). Ainda sobre isso, La Blache teria dito:

Devemos nos congratular porque a tarefa da colonização que constitui a glória de nossa época, seria apenas uma vergonha se a natureza pudesse ter estabelecido limites rígidos, em vez de deixar margem para o trabalho de transformação ou de reconstrução cuja realização está dentro do poder do homem (SANTOS, 2008, p. 32).

Destarte, apesar das críticas ferrenhas realizadas por opositores à contribuição vidaliana para a geografia política, muitas vezes mal direcionadas por uma interpretação muito restrita do autor⁴, La Blache em muitas passagens de sua obra demonstrou o aspecto valorativo da defesa da superioridade adaptativa das comunidades que justificava à sua maneira o empoderamento do Estado-Nação francês perante a perspectiva colonial e demonstrava sua posição clara, mas diluída através dos achados de seus escritos.

Ainda sobre suas posições favoráveis ao modo da economia colonial, La Blache expressava sua admiração ao encurtamento das distâncias, especialmente no elogio às estradas de ferro do EUA e o Canal de Suez. No primeiro caso, contudo, não refletiu sobre o processo de espoliação da terra, ocasionando massacres de índios e populações nativas. E no segundo, desconsiderou a epidemia da fome na Índia, destacando apenas os aspectos econômicos do canal de Suez (CAMPOS, 2014).

Neste sentido, nota-se que La Blache tinha uma incondicional paixão pela Europa, sobretudo na defesa da política colonial francesa. Ao falar sobre Estados e nações da Europa em torno da França (1889), La Blache destaca, entre outras, a questão da língua, da nacionalidade suíça - holandesa, escocesa, irlandesa - da formação do povo inglês, povos ibéricos etc. Um dos exemplos com mais detalhes sobre sua defesa em relação aos Estados europeus foi uma afirmação sobre a Irlanda onde diz que “a ideia de sofrer a influência da minoria católica estimula certamente mais de um preconceito entre a minoria presbiteriana do norte da ilha” (LA BLACHE, 2012, p.374).

Ainda sobre a política colonial, especialmente em relação à África e outros Estados de interesse francês, Vidal apresenta uma aparente preocupação em relação aos possíveis desafios motivados pelas mais diversas condições apresentadas por esses países, sobretudo em relação a zona fronteira entre a Argélia e o Marrocos.

Porém, as consequências de uma má delimitação não cessaram de se desenvolver -e nossa inação sistemática (eu não diria magistral) não parece configurar a política mais adequada para conter tal situação. Sem falar no estado de problemas crônicos, nesta zona de fronteiras, resultante da reunião de todos os dissidentes, de todos os fragmentos desagregados das tribos, fugitivos etc., se pode constatar que nossa ausência política no vale do Molouïa prepara para nós uma situação que vai se agravando (LA BLACHE, 2012, p.398)

Além desse artigo intitulado *A Zona fronteira entre a Argélia e o Marrocos conforme Novos documentos (1897)*, outros textos de La Blache trazem elementos da “geopolítica” a saber: *A geografia Política: A propósito dos escritos do sr. Friedrich Razel (1898)*, *O contestado franco-brasileiro (1901)*, *A*

⁴ Para acesos a referências críticas à obra acessar: (CAMPOS, 2014, p.125)

missão Militar francesa no Peru (1906), A Colúmbia britânica (1908), A carta internacional do mundo ao milionésimo (1908) e A conquista do Saara (1911) (PEREIRA, 2012).

Indiscutivelmente, Paul Vidal de La Blache contribuiu para a institucionalização da geografia política, principalmente na França, especialmente sobre a formação dos Estados europeus, enfatizando os aspectos da nacionalidade e da geopolítica de sua época.

A QUESTÃO REGIONAL EM PAUL VIDAL DE LA BLACHE

Surgida na modernidade, a ciência geográfica deve suas bases à escola alemã de geografia que, através de seus teóricos mais clássicos, Humboldt e Ritter, estabeleceram os fundamentos de estudos regionais, tornando-se leituras obrigatórias e inspirações para todos os demais estudiosos da geografia, não sendo diferente para o cientista francês Vidal de La Blache.

Ao conceber a terra como um todo orgânico e a região sendo uma parte desse organismo, Carl Ritter buscava, ao relacionar as partes regionais, travar as compreensões totalizantes próprias da geografia (LENCIONI, 2014).

[...] procurando elaborar comparações das relações causais, Ritter procedeu os estudos regionais com o objetivo de identificar as individualidades na totalidade. [...] dizia que os continentes continham numerosas totalidades e, também, constitui-se numa totalidade. Para ele, as divisões do todo podem ser múltiplas e a totalidade não se constitui numa totalidade fechada, pois pode engendrar múltiplas totalidades (LENCIONI, 2014, p. 92-93).

É importante ressaltar que os estudos regionais de Ritter contribuíram significativamente para o desenvolvimento de estudos regionais, todavia, é com Paul Vidal de La Blache, enquanto integrante da escola geográfica francesa, que os estudos regionais ganham novas dimensões e uma multiplicidade de abordagem geográfica. De acordo com Haesbaert et al. (2012), a Geografia Regional, provavelmente, foi o campo da geografia que apresentou o maior número de seguidores de La Blache.

Vale ressaltar a importância do historicismo enquanto dimensão filosófica norteadora da região lablacheana. É oportuno ressaltar que o historicismo, que acentua a importância do papel do homem na sociedade, surgiu no fim do século XIX como reação ao positivismo. Segundo Ferreira *et al.* (1996, p. 72) “[...] do historicismo surge, na Geografia, o possibilismo que se opõe ao determinismo”.

As contribuições no estudo da região propostas por Paul Vidal revelam a complexidade do pensamento do autor, mostrando que o conceito de região foi sendo reelaborado, construído e reconstruído, incorporando outras dimensões socioespaciais, ao longo do tempo. Nesse sentido, Haesbaert *et al.* (2012) chama atenção para a natureza da complexidade das obras de La Blache que

retratam a questão regional. Para o autor, é preciso uma leitura acurada das obras de La Blache, para que se possa compreender em sua plenitude o conceito de geografia regional de La Blache.

No âmbito desse debate, Ozouf-Marignier e Robic (2007) realizaram um estudo primoroso em oito obras de Vidal de La Blache, procurando compreender o pensamento regional lablacheano. Para Haesbaert et al. (2012), essa investigação das supracitadas autoras francesas representa um trabalho de fôlego com uma análise acurada da questão regional vidaliana.

Esse trabalho evidenciou que o conceito de região foi sendo reformulado ao longo do tempo, apresentando três concepções distintas de região. Na primeira concepção de região de Vidal de La Blache, nota-se a influência da geologia e do meio físico natural como base fundamental do conceito de região, como bem destaca Haesbaert *et al.* (2012)

[...] uma primeira fase inspirada no trabalho dos geólogos, ainda pautada num certo determinismo físico natural, que rejeita as divisões político-administrativas como base regionalização e propõe a valorização das unidades fisiográficas, mas cujo elemento dominante pode variar de uma escala regional para outra (HAESBAERT ET al. 2012, p. 192).

Essa concepção é bem evidente na obra "*Des division fondamentales du sol français*" (1888). Esse artigo que versa sobre as divisões fundamentais do solo francês em uma escala maior, é construído a partir de uma perspectiva pedagógica onde as regiões aparecem como forma plena e não somente teatro vivo da história.

[...] ele prefere as áreas mais vastas, que realçam a categoria "região natural". São os conjuntos próximos das grandes unidades geológicas, bem evidentes na França e, mais geralmente, de uma zona climática homogênea, disso que constitui suas regiões naturais, uma combinação ligando as condições naturais (solo, vegetação, etc.) e sua valorização pelos grupos humanos (OZOUF-MARIGNIER E ROBIC 2007, p. 9).

Na segunda concepção de região lablacheana, evidencia-se uma fase de transição de uma região com bases físico-naturais para uma região onde a relação homem e natureza, constituído um gênero de vida, ganha uma dimensão singular. Nesse contexto, Haesbaert *et al.* (2012, p.192), apontam que "[...] é na segunda fase que podemos identificar uma espécie de transição de uma região prioritariamente de base naturais para uma região definida sobretudo pela ação do homem, ou pelo menos, resultante da relação homem-meio".

Essa segunda concepção de região é retratada, por exemplo, nas obras *Tableau de la géographie de la France* (1903) e *Les pays de la France* (1904). O *Tableau de la géographie de la France*, considerado um clássico da Geografia Regional, traz um panorama da geografia francesa, a partir da relação homem e natureza. Segundo Ozouf-Marignier e Robic (2007) trata-se de uma obra de edificação

nacional e republicana, com testemunho iconográfico “mapa e fotografias” que mostram uma individualidade geográfica da França.

Ainda de acordo com as supracitadas autoras, o *Tableau* é uma abordagem de geografia política pois procura apresentar uma nação ao seu território. Nesse contexto, a obra aborda a dimensão “[...] espaço temporal: a relação-passado e presente, futuro, ligada às virtualidades dos recursos locais, à centralização política e às redes de transportes” Ozouf-Marignier e Robic (2007, p.10).

Em *Les pays de la France*, La Blache versa sobre os pequenos países franceses, considerando aspectos naturais e sociais. Conforme Ozouf-Marignier e Robic (2007, p. 11) “Vidal trata efetivamente dos pequenos *pays* compreendidos em sua dupla natureza: natural e social. A partir de fotografias, ele mostra sua variedade na França contemporânea. [...] organizada em função da diversidade do povoamento e das paisagens”.

A terceira concepção de região abordada por Vidal é constatada em suas obras publicadas entre os anos de 1910 a 1917. Nesse cenário, percebe-se a importância da dimensão econômica, delineada a partir do processo de industrialização e do comércio que se estabelecia entre diferentes lugares. Portanto, os limites territoriais regionais são flexíveis, como bem destaca Vidal de La blache na obra *La rénovation de la vie régional* (1917).

[...] quando se trata de região, não é preciso exagerar em procurar limites. É necessário conceber a região como uma espécie de auréola que se estende sem limites bem determinados, que encerra e que avança (VIDAL DE LA BLACHE, 1917 apud OZOUF-MARIGNIER E ROBIC, 2007, p. 25).

Obras como por exemplo, *Les Régions françaises* (1910), *La relativité des divisions régionales* (2011) e *La renovation de la vie regional* (1917), representam alguns dos trabalhos de Vidal que engendram a região a partir de uma perspectiva econômica delineada pela geografia da indústria e do comércio. Nessa concepção de região econômica lablacheana, Haesbaert et al. (2012, p. 193) destaca que “[...] os limites regionais são fluidos e a industrialização é a principal responsável pela configuração regional”.

Na obra *A relatividade das divisões regionais* Vidal procura evidenciar a tese de que “[...] desde que saíram de um estágio inicial, as regiões naturais não são os quadros fixos da organização social” Ozouf-Marignier e Robic (2007, p. 12). Portanto, percebe-se a importância do processo de industrialização, da evolução dos meios de transportes e, conseqüentemente, dos intercâmbios comerciais entre as cidades, como fatores essenciais para a construção do conceito regional pautado numa perspectiva econômica.

Nesse sentido, Ozouf-Marignier e Robic (2007) aludem que,

[...] não existe mais isolamento depois da revolução dos transportes; por outro, produzem-se novos fenômenos de concentração, tais como a metropolização – (concentração demográfica em determinadas grandes cidades e incremento de seu papel) – e as concentrações urbanas e econômicas – (regiões de cidade portos) – rompendo com a regularidade dos espaçamentos e das antigas dimensões territoriais (OZOUF-MARIGNIER E ROBIC, 2007, p. 12).

Para Claval (2011) a mudança de pensamento e, conseqüentemente, da abordagem regional, que evoluiu de uma concepção teórico-metodológica fundamentada em um paradigma físico-natural para uma outra ideia delineada pelo dinamismo econômico, pode estar associada às viagens de Paul Vidal de La Blache aos Estados Unidos entre 1904 e 1912. Nesse sentido, o autor destaca que “[...] Vidal nunca faz menção ao papel das ferrovias e raramente fala o papel das grandes metrópoles antes de sua primeira viagem aos Estados Unidos” (CLAVAL, 2011, p.35 apud HAESBAERT, 2012, P.192).

É importante avultar nesse debate que as concepções regionais lablacheanas não apresentaram dentro da geografia uma unidade de pensamento, e ainda hoje são objeto de discussão e debate⁵.

Para Haesbaert *et al.* (2012), a questão regional abordada por Vidal é complexa e não se limita a ideia concebida por muitos autores, que concebem o conceito de região como sendo uma paisagem compreendida por sua extensão territorial, onde a relação homem e natureza se materializa de forma harmoniosa, constituindo um gênero de vida tradicional.

Haesbaert *et al.* (2012) menciona ainda que esse conceito representa apenas uma das suas múltiplas faces da geografia regional de Vidal. O autor ainda acrescenta que uma leitura regional considerando apenas essa dimensão conceitual, representa uma análise simplificada da região lablacheana, por tanto, “[...] reduz-se assim, a rica e complexa visão de região a apenas uma de suas faces ou dinâmicas da natureza e propriedade ou processos sociais/culturais” Haesbaert *et al.* (2012, p.187).

Na perspectiva Haesbaert *et al.* (2012) se observamos os conceitos de região trabalhados até hoje na geografia, como por exemplo, a região natural, a região concebida a partir da relação homem e meio, a região funcional, a região como produto da divisão internacional do trabalho, a região a partir dos regionalismos políticos, a região como “espaço vivido”, vinculada a identidade regional, percebe-se, em maior ou menor escala, alguma contribuição de Paul Vidal de La Blache, embora a região natural, da relação homem e meio e funcional se apresenta em suas obras de forma mais consolidada.

⁵ Yves Lacoste representa alguns dos autores que engendraram críticas ao conceito de região proposto por La Blache. Segundo Corrêa (1991) Lacoste afirma que o conceito apresenta uma seletividade, na escolha dos elementos que se combinam, pois considera apenas os elementos antigos, de longa duração, desprezando os elementos de origem recente. Na visão de Lacoste, a região lablacheana impõe um único modo de se pensar a região, em uma única escala, sendo assim uma região acabada, fechada, concluída. O susodito autor ainda critica a ideia de harmonia defendida por La Blache, não sendo apropriada para as sociedades estruturadas em classe sociais, portanto se tratava de um conceito obstáculo.

Por fim, fica evidente a natureza da complexidade da questão regional abordada por La Blache, na medida que o conceito de região foi sendo reelaborado, construído e reconstruído ao longo do tempo, como aponta Ozouf-Marignier e Robic (2007, p. 13), “[...] por uma lenta deriva, vemos um modelo naturalista sendo erodido frente à onipresença da análise econômica: Vidal passa da região natural à região econômica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a contribuição de um autor tão importante como Vidal de La Blache é algo extremamente desafiador, pois trata-se não apenas de compreender o que está escrito na sua obra, mas o que a sua obra ajudou a construir e os vários caminhos que ela auxiliou a trilhar.

Não se limita ao analisar uma obra a compreensão apenas do seu conteúdo ou da sua construção conceitual, do uso das categorias analíticas precisas, mas sim se essas categorias, esses conceitos, suas teorias foram compreendidas, ou não, e até onde foram se integrando a construção acumulativa que é parte da própria Academia.

Apesar do elemento de desafio, é muito satisfatório perceber que em muitas vezes é justamente para além do tempo de vivência, de construção científica do cientista que a contribuição pode enfim ser entendida.

É preciso estar ciente de que o contexto histórico vivido por Vidal de La Blache era distinto dos dias de hoje. Portanto, o conceito de região e as noções elaboradas por La Blache foram fundamentais para refletir a realidade em que ele vivia. A realidade de um determinado espaço/tempo.

Hoje, a contribuição teórico-metodológica de La Blache, por si só, não seria suficiente para refletir a realidade tão dinâmica e complexa em que vivemos, pois assim como as mudanças sociais, os conceitos, as categorias de análise e as noções vão sendo reestruturados para que se aproxime cada vez mais da realidade de um determinado espaço/tempo. Mas não resta dúvida que o debate em torno da geografia humana de La Blache tem sido a porta de entrada para discussões que até hoje são relevantes, como a importância do elemento homem (ou cultural) na análise regional.

Vale ressaltar a natureza da complexidade da questão regional abordada por La Blache, onde o conceito de região foi sendo reelaborado, construído e reconstruído ao longo do tempo, migrando de concepções de cunho naturalista para uma perspectiva de natureza econômica.

Entre tantos aspectos presentes na obra de La Blache, é oportuno destacar ainda, a importância da dimensão política, que contribuiu de forma significativa a institucionalização da geografia

política, principalmente na França. Destacando que na sua época o cenário global passava por um intenso processo de redefinição, sobretudo nas questões políticas. Nesse aspecto, La Blache contribuiu com suas inferências sobre a formação dos Estados europeus, enfatizando os aspectos da nacionalidade e da geopolítica.

Pode-se dizer que a obra de La Blache para a geografia humana foi um dos alicerces fundamentais na construção teórico-metodológica da ciência geográfica. Foi o ponto inicial na busca pela cientificidade da geografia, pela preocupação no uso de uma metodologia pensada para a própria geografia. Na obra do Vidal é possível perceber a busca pela adequação dos conceitos e noções, já que eles passaram por um processo evolutivo. Como também, é notório a importância do método como um fator definidor da geografia.

Por fim, o uso de categorias sintéticas presentes no discurso vidaliano foi fundamental para a análise dos fenômenos em conexão, já que a geografia tem a capacidade de integrar os fatos que são estudados separadamente por outras ciências. Portanto, Vidal tinha esta preocupação de definir o campo de conhecimento desta ciência. Ou seja, as discussões iniciadas por La Blache a respeito da geografia como o estudo conectivo dos fenômenos contribuiriam para a definição do objeto desta ciência: o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Política na Geografia de Vidal de La Blache. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, p. 124-144, 2015.
- CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **A evolução do pensamento geográfico**. São Paulo: Gradiva, 1986.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (org.). **Vidal, Vidais: textos de Geografia Humana, Regional e Política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- LA BLACHE, Paul Vidal. JOSEPH, Paul Marie. **Princípios de geografia humana por Vidal de La Blache**. Lisboa: Ed. Cosmos, 1954.
- LA BLACHE. In: HAESBAERT R. et al. **Vidal, Vidais: textos de geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- LENCIONE, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2014.
- OLIVA, Alberto. **Filosofia da Ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- OZOUF-MARIGNIER, M. V.; ROBIC, M. C. **A França no limiar de novos tempos: Paul Vidal de La Blache e a regionalização**. *GEOgraphia*, v. 9, n. 18, 2007.

PEREIRA, Sergio Nunes. A zona fronteira entre a Argélia e o Marrocos conforme novos documentos. In: HAESBAERT, Rogério et al. (orgs.). **Vidal, Vidais**: textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012a, p. 389-399 (Artigo publicado no Annales de Géographie em 1897).

PEREIRA, Sergio Nunes. Estados e nações da Europa em torno da França (extratos). In: **Vidal, Vidais**: textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 337-362.

PEREIRA, Sergio Nunes. Estados, nações e colonialismo: traços da geografia política vidaliana. In: HAESBAERT, Rogério et al. (org.). **Vidal, Vidais**: textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 337-362.

RIBEIRO, Guilherme. **Geografia Humana**: Fundamentos epistemológicos de uma ciência. In: HAESBAERT, Rogério et al. (org.). **Vidal, Vidais**: textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 337-362.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 2008